

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislaynne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

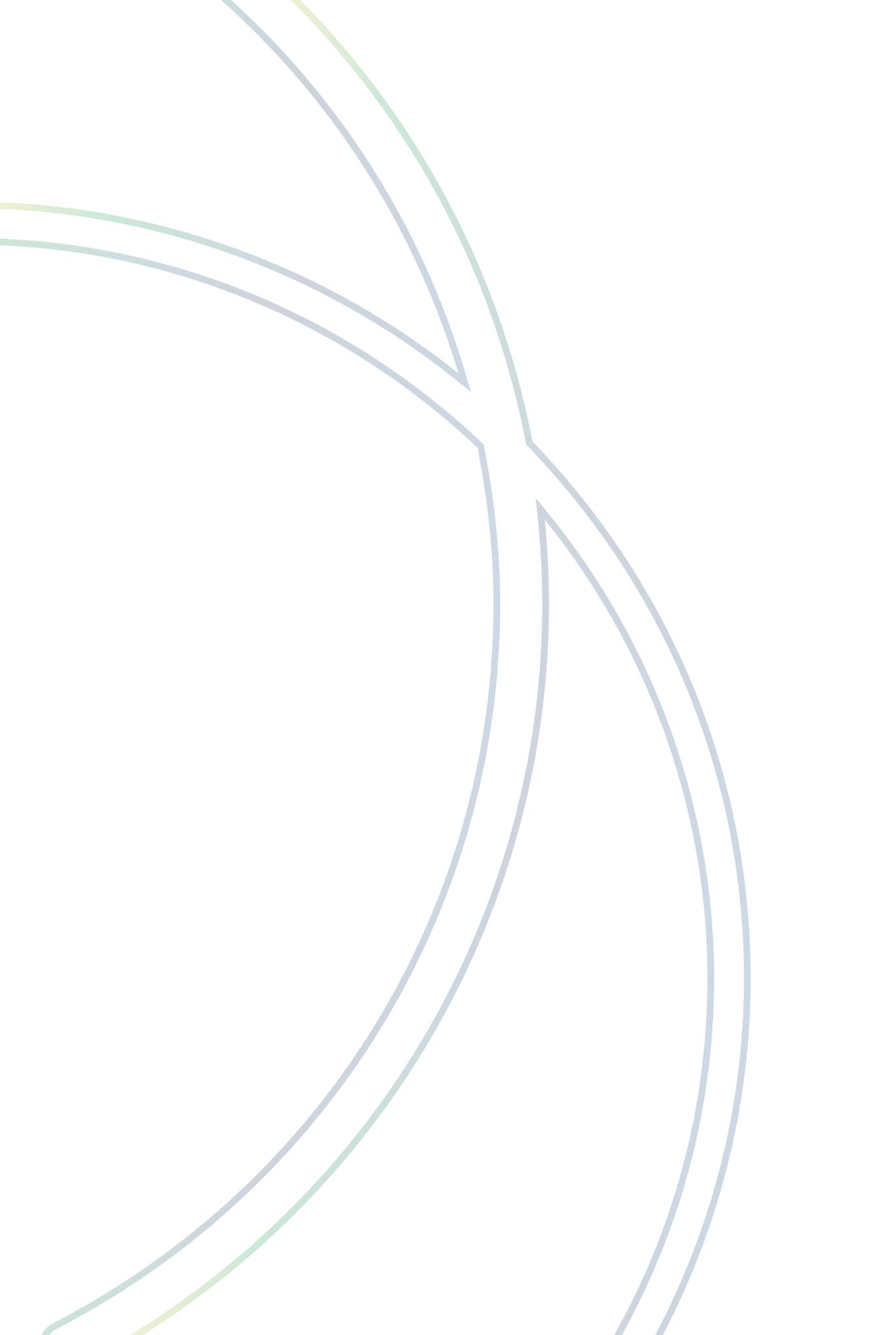
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
subjetivações e cultura / (organizadores)
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
Editora Universidade de Brasília, 2024.
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

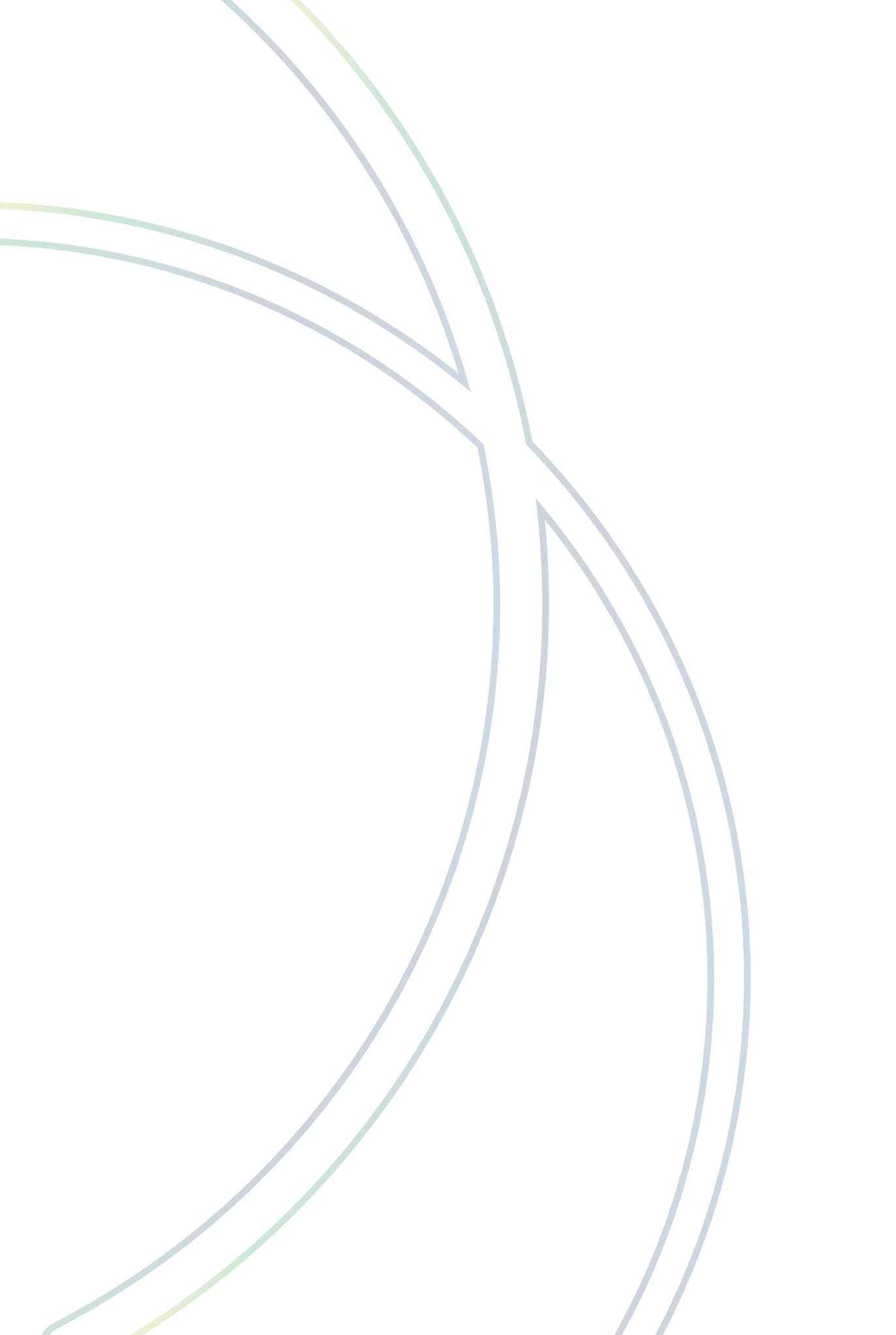
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela, Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

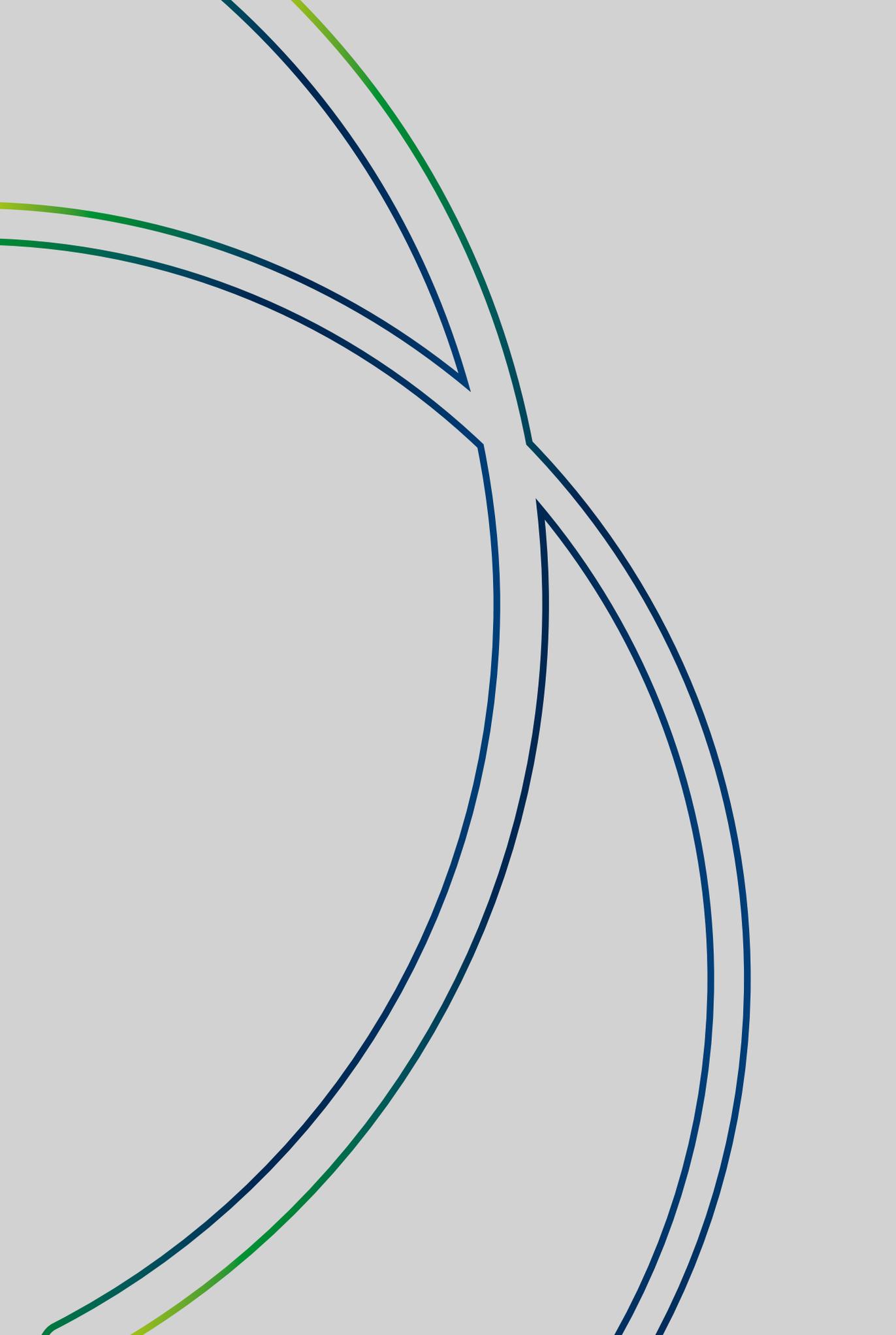
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

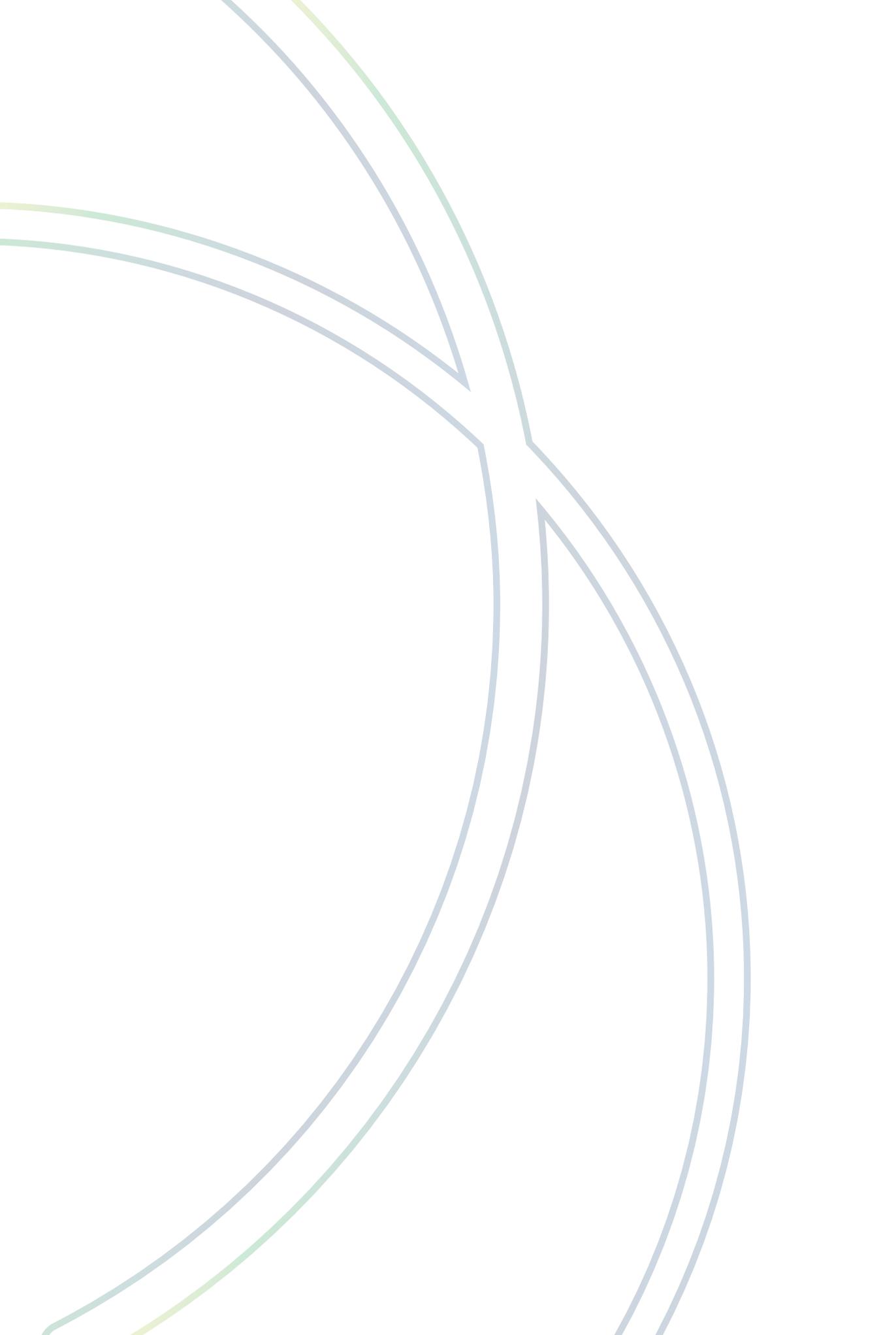
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise, arte, literatura e cultura

Parte III



Um outro com quem contar

Guilherme Henderson

O horizonte da cura psicanalítica se orienta na atividade do psicanalista por uma ética da desilusão, na qual a análise pretende desarticular os fundamentos ilusórios e infantis das relações de poder no interior da neurose. Essa via na direção do tratamento é destacada na teoria psicanalítica lacaniana do final de análise por meio de de noções conhecidas como *travessia da fantasia*, *destituição subjetiva*, *queda das identificações*, *queda do sujeito suposto saber* etc. Contudo, não devemos esquecer, caso contrário corremos o risco de sustentar um ideal do desprendimento total do outro, que a direção do tratamento se orienta também por uma ética da reconciliação: uma reformulação criativa do laço, que nomeamos “um outro com quem contar”. Nosso objetivo é demonstrar que o paradigma do chiste pode lançar luz à essa via da análise que se refere não mais à exaustão do Outro que aturdiava o sujeito, mas à invocação do outro que enlaça a estrutura do sujeito ao final da análise.

A partir do clássico chiste do escritor Heinrich Heine e de fragmentos da sua biografia, destacamos que há uma busca através da elaboração desse chiste em fazer existir um outro com quem Heine possa contar. Por meio desse exemplo ilustramos que, ao final da análise, o sujeito necessitará poder invocar um outro, não mais aquele que lhe submete, lhe promete a salvação, a proteção, ou o gozo sem limites como sustentava a neurose. Mas um outro que, por exemplo, como o terceiro do chiste, possa dispor uma escuta, possa compartilhar um gozo suportável, reconhecer o lugar do sujeito. Um outro a quem o sujeito possa endereçar isso que é da ordem do terrível que o aturde, mas em um endereçamento sem ilusões, que não busca mais um remédio, um amparo, mas uma testemunha da sua maneira singular de atravessar sua condição de desamparo.

Certo dia, em uma daquelas famosas neuroses de domingo, um pensamento me ocorreu, um pensamento de caráter espontâneo e fantasioso: caso algo terrível acontecesse comigo hoje, algo da ordem de um intenso desespero, e eu precisasse falar com meu analista, ele me atenderia? Esse pensamento aparentemente trivial condensava algumas reflexões que gostaria de discutir aqui. Podemos nos perguntar: em uma situação tão desesperadora assim, o que poderia realmente o analista, em uma ligação, um atendimento, como esse

demandado, fazer pelo sujeito? Que coisa reconfortante e aparentemente necessária seria essa almejada nesse pensamento espontâneo?

A situação presente nessa conjectura (uma situação traumática, terrível, desesperadora) explicitava a nimiedade das ajudas objetivas que poderiam ser ali de fato ofertadas pelo analista, mas ao mesmo tempo era sensível o alto valor que aquele gesto de poder encontrar alguém que se dispusesse a escutar encerrava.

Ficava claro que aquilo que potencialmente era da ordem do terrível não podia ser enfrentado sozinho; exigia e convocava um processo de simbolização, uma história a articular apenas através do outro, por mais parcial e mínima que essa articulação ou essa “ajuda” pudesse, a princípio, parecer.

Esse pensamento coloca um problema semelhante àquele enfrentado por Primo Levi em um pesadelo, relatado em seu livro *É isto um homem?* (1998). Refiro-me a um sonho traumático recorrente vivido durante as noites no campo de concentração:

aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-la porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter *tanta coisa para contar*, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (Levi, 1998, p. 60, grifo nosso).

Nesse sonho, o terrível não se restringe objetivamente à *situação de desamparo*, como no relato da experiência desumana empiricamente vivenciada e detalhadamente contada na primeira parte do pesadelo ocorrido no campo de concentração. O que gera o terror e, em seguida, o despertar desse sonho de angústia, está em um segundo momento, no qual o sujeito fala sobre o horror vivido e não encontra *um outro com quem contar*.

Vemos que o traumático testemunhado nessa manifestação do inconsciente é da ordem do *confronto desesperado com a condição do desamparo* (Henderson, 2021). Não se restringe àquele da ordem dos fatos, mas de não poder contar com um Outro que reconheça o sujeito, logo ali onde esperava poder encontrá-lo em seus mais próximos, um familiar, um amigo, àqueles de sua casa. O que encontra é o silêncio e a indiferença. O terrível aqui é apresentado em uma cena em que o sujeito “precisa” contar com o outro, nota a crucial importância disso e percebe que essa testemunha não estava disponível. Esse outro pode faltar.

Isso que comparece no pensamento espontâneo ou no pesadelo pode ser nomeado como sendo a *necessidade de ter um outro com quem contar*. Contar aqui não é o mesmo que clamar por ajuda, não é da ordem de um grito de socorro, não se reduz a uma demanda por salvação, uma relação de sujeição, uma mera dependência. Ambas as manifestações

são capazes de nos fazer refletir sobre a importância de uma escuta – que não se reduza à indiferença, ao silêncio mórbido, mas que permita a mínima inscrição simbólica, o reconhecimento do sujeito, uma escuta em presença, que faz toda a diferença.

Essas duas manifestações ainda nos mostram que aquilo que sustenta o sujeito frente ao terrível, ao encontro com algo desesperador, tem a ver com uma certa invocação,⁹ com um lugar de testemunha que o endereçamento da minha fala é capaz de instituir. Invocação na qual o sujeito busca fazer-se escutar, por necessidade de manter-se sujeito ali onde as coisas parecem desmoronar, mesmo que isso possa profanar o domingo do Outro.

Se formos pragmáticos de fato, as contingências da vida podem impedir que, objetivamente, o outro possa comparecer. O analista talvez não esteja disponível no domingo ou em um encontro em família, as pessoas não se dispunham a ouvir quando estamos contando os detalhes de uma situação traumática. Além disso, o final da análise também implica que analisado e analista deixem de se encontrar naquele contexto. Esperamos que o sujeito nessa última ocasião, ao final da análise, possa contar com um outro, mais além do analista e mais além também de seu Eu e sua solidão.

Resta-nos, então, avançar um pouco mais para entender o que o sujeito, frente a esse outro, que pode ou não comparecer com sua escuta necessária, pode fazer e como pode fazê-lo para não se desesperar e desabar. Insistimos em outro trabalho (Henderson, 2021) que a condição do desamparo, um horizonte na direção do tratamento, implica que o sujeito possa, ao longo do processo de análise, prescindir de uma série de modelos de relações que são capazes de sujeitá-lo. Contudo, devemos destacar que essa travessia sempre necessitou de um *outro com quem contar*, o analista, indicando que mesmo a aceitação da condição do desamparo, a domaçoão, a renovação do laço com o outro, nada disso se conquista sozinho.

Frente àquilo que é da ordem do terrível, o sujeito necessitará poder invocar um outro. Não mais o Outro que lhe submete, lhe promete a salvação, a proteção, ou o gozo sem limites. Mas sim *um* outro que, por exemplo, possa sustentar uma escuta, possa compartilhar um gozo suportável, reconhecer o seu lugar de sujeito. Um outro que possa sustentar, pelo laço que estabeleço com ele, um tipo fundamental de reconhecimento, não um reconhecimento narcísico, idealizado, mas um reconhecimento da minha divisão por essa força indomável que habita em mim, mais além de mim mesmo, como se fazia no encontro com o analista. Um novo Outro, que em alguma medida já estava ali, a quem eu possa endereçar isso que é da ordem do terrível que me aturde, mas em um endereçamento sem ilusões, que não busca mais um remédio, mas invocar uma testemunha que se autoriza a ser suporte dessa escuta.

⁹ A definição de invocação que utilizamos aqui é “chamar um outro em seu favor ou auxílio” (Vegh, 2001, p. 57). Cabe notar que esse favor e esse auxílio não são da ordem do clamor passivo, espera de garantia terceira. O paradigma é o chiste, ponto de partida para entendermos essa noção de invocação, ou seja, como se apresenta na frase “posso te contar uma piada?”

Aceitar a condição do desamparo não significa aceitar a solidão, o isolacionismo, o silêncio, a indiferença. Aceitar a condição do desamparo é saber que, apesar das ausências do outro, é necessário criativamente inventar, instituir, convocar um outro com quem contar. Contar com e sobre isso que me causa, me mantém vivo, desejanste e articulo apenas com alguns outros. O paradigma do chiste pode nos ajudar a criticar esse problema crucial do ideal do desprendimento total do outro e a refletir sobre a nossa real necessidade de estabelecer um laço com esse outro.

O paradigma do chiste e o final da análise

O chiste talvez seja a manifestação do inconsciente que mais explicitamente demonstra o seu caráter social. Um chiste não se faz sozinho. Ele depende de, ao menos, três: da pessoa que o faz (mas que não necessariamente precisa ser ela a inventora do chiste, podendo ser apenas alguém que o transmite); de uma outra sobre a qual recai a graça, a burla; e de uma terceira pessoa, a *Dritten Person*, aquela a quem se endereça o chiste, aquela que o sanciona quando ri, que realmente o faz existir como tal, aquela que escuta. Quando o sujeito diz que irá contar uma piada, ele se situa em uma posição de invocação, invoca a escuta do outro (Vegh, 2001). Para que haja chiste é necessário que haja *um outro com quem contar*.

Freud, em “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1991), cita o exemplo clássico na literatura psicanalítica, que retira da obra *Reisebilder*, do poeta Heinrich Heine. Trata-se do famoso chiste “familiaritário”.

Um personagem, Hirsch Hyacinth, um simples vendedor de uma loteria e pedicure, relata que havia recebido uma visita do famoso e riquíssimo Barão Rothschild. Ao responder como havia sido esse encontro, ele então diz ao seu interlocutor: “e assim, verdadeiramente, senhor doutor, *quis Deus me conceder toda a sua graça*; sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um dos seus, *por completo familiarmente*” (Freud, 1991, p. 18, tradução nossa, grifo nosso).

O efeito chistoso se produz a partir desse neologismo “familiarmente”, que condensa as palavras familiar e milionário. Através dessa palavra inventada, é como se o personagem *Hirsch Hyacinth* (grifo nosso) deixasse entrever uma verdade: que havia sido tratado de uma maneira tão familiar quanto é possível a um milionário tratá-lo, tendo em vista sua parca função e posição social. Esse neologismo insere no diálogo uma espécie de ironia: um milionário só seria capaz de tratar alguém como familiar se este alguém fosse também um milionário.

Em sua construção, o autor se utiliza de uma técnica comum na formação dos chistes, que é a frustração da expectativa. Ele brinca com a expectativa religiosa que se anuncia em nós ouvintes, primeiro com a frase “*Deus concede toda graça*” (grifo nosso); em seguida monta essa mesma expectativa, deslocando-a ao “*Barão que concede a completude do...*” (grifo nosso) e então, nós ouvintes, capturados pela esperança da completude, a promessa

da Palavra divina, recebemos esse neologismo *nonsense*, profano, que nos sidera e desenterra um gozo nem de todo conhecido.

Para nossos propósitos, orientados pela leitura de Isidoro Vegh (2001), cabe situarmos que esse chiste produzido pelo personagem se refere a um fragmento da biografia de Heinrich Heine. Não por acaso, vemos que o personagem compartilha das iniciais do nome do poeta. Dados da biografia de Heine (Vegh, 2001) permitem que saibamos que o poeta, durante sua juventude, se dirigiu a um tio extremamente rico, na intenção de pedir em casamento a sua filha, mas foi terminantemente rechaçado por esse tio, tendo em vista que sua situação irrisória como poeta não lhe permitia ter o dinheiro nem o nome necessários para ousar a proposta. Essa situação gerou um sentimento de profundo desprezo e humilhação em Heine.

Poderíamos pensar então que esse chiste é uma espécie de atualização da hostilidade do poeta frente aquela triste memória de sua história. Mas não haveria algo a mais? O que verdadeiramente dói ao sujeito? Vegh responde: “é o familiar o que a Heine lhe dói. O lugar de onde foi excluído, isto é, não foi reconhecido como valioso para formar parte da intimidade dessa família” (Vegh, 2001, p. 67, tradução nossa).

Heinrich Heine, jovem poeta, movido por essa força indomável da paixão, endereça sua demanda, na esperança de receber o aval desse Outro, o tio, mas é completamente rechaçado. O Outro não o reconhece como apto para isso, não o reconhece como digno do laço que almeja. Heine se vê em puro confronto com um outro com quem não pode contar. Dessa forma, podemos pensar: o que, ou melhor, a quem Heine está realmente invocando quando nos conta essa história jocosa?

O chiste busca instituir esse outro com quem contar, um terceiro. Ele busca constituir um reconhecimento, ali onde o sujeito se confrontou com a falta fundamental do fiador de sua existência. O uso da expectativa religiosa na construção do chiste não nos parece surgir então por mera escolha técnica, mas nos revela o contexto do encontro de Heine com a sua condição do desamparo fundamental. O chiste busca instituir *um outro com quem contar*, ali onde existia o encontro com a inconsistência do Outro, ali onde o Outro não compareceu.

O relato do chiste invoca um terceiro, uma escuta, que o outro pode assentir ou não. Esse terceiro não o aceita por altruísmo, mas porque sabe que, na medida em que consente ouvir ao chiste, um possível gozo, não garantido, pode vir a obter. Mas é ali que acaba escutando, caso consinta, uma demanda que o excede, que extrapola o contrato de expectativas iniciais. Poderíamos ler essa demanda excedente no chiste de Heine: “reconheça você meu direito a impugnar essa atitude do meu tio, o milionário, reconheça você meu direito a fazer uma reivindicação por minha posição” (Vegh, 2001, p. 71).

O paradigma do chiste pode lançar luz a essa porção da análise que se refere não mais à exaustão do Outro que aturdiu, mas essa invocação do outro que enlaça a estrutura do sujeito. Através do chiste de Heine, vemos que há uma busca em fazer existir, por um momento, um Outro com quem contar, mesmo que esse outro, a princípio, não entenda muito bem isso, não compreenda muito seu lugar ali, não saiba nem ao certo o que o faz rir afinal. Sua risada, mesmo sem saber, dá suporte ao sujeito, permite agora a ele também

extrair alguma satisfação, alguma simbolização, onde havia apenas dor e as possibilidades de um terrível desespero. Essa sanção do terceiro não é da ordem da sujeição, das garantias últimas – nada menos destrutivo para um chiste que a obrigação de se fazer engraçado, ou a obrigação de ter que rir dele. É uma sanção que comparece legitimando meu ato, que inscreve um certo gozo que precisa do outro para existir – sem precisar sujeitar-me, ou sujeitá-lo. Nas risadas, reconhecemos que estamos bem entendidos no mal-entendido. No fim, isso já fornece um bom amparo.

“Foi uma coisa sua que ficou em mim”: um outro com quem contar ao final da análise

Gostaríamos de complementar nossos argumentos sobre a necessidade de invocação de um outro ao final da análise a partir de um “caso” brasileiro, e fazer uma consideração sobre um *Poema* escrito por Cazuzza (1958-1990) em 1975. Cazuzza é um artista eternizado na música popular brasileira como cantor, compositor e poeta. A letra dessa poesia nos parece capaz de ilustrar e anunciar o horizonte a ser atravessado no percurso de uma análise. A história não muito conhecida dessa poesia (Araújo, 2011) é extremamente interessante para isso. Leiamos a poesia:

eu hoje tive um pesadelo
e levantei atento, a tempo
eu acordei com medo
e procurei no escuro
alguém com o seu carinho
e lembrei de um tempo...

porque o passado me traz uma lembrança
de um tempo que eu era uma criança
e o medo era motivo de choro
desculpa pra um abraço, um consolo

hoje eu acordei com medo
mas não chorei, nem reclamei abrigo
do escuro, eu via o infinito
sem presente, passado ou futuro
senti um abraço forte, já não era medo
era uma coisa (sua) que ficou em mim
e que não tem fim.

de repente, a gente vê que perdeu
ou está perdendo alguma coisa
morna e ingênua que vai ficando no caminho que é escuro e frio, mas
também bonito
porque é iluminado
pela beleza do que aconteceu
há minutos ou anos atrás

(Cazuzza, 1975)

Quando Cazuzza tinha 17 anos, sua avó materna, Vó Lice, carinho e refúgio na infância e adolescência, faleceu, deixando uma marca profunda no poeta, que escreveu uma poesia à época em homenagem, hoje gravada no túmulo da avó em Vassouras, Rio de Janeiro. A avó paterna, Maria José, demandou ao adolescente nessa mesma época, dizendo: “Cazuzza, não espera eu morrer para fazer uma poesia para mim não, faz enquanto eu estiver viva”.¹⁰

Naquele mesmo ano, Cazuzza, antes de toda a fama, presenteia a avó com uma poesia que foi guardada em segredo. Depois da morte do artista, em 1990, acometido por um choque séptico decorrente da síndrome da aids, sua mãe, Lucinha Araújo, ao montar um acervo com a memória do filho, pediu à Maria José acesso a poesia, mas ela se recusou, alegando que não se entregava um presente. A avó, apesar do medo que implicava aquela demanda inicial, que a fez pedir a poesia, faleceu aos 100 anos.

Com a morte de Maria, os filhos entregaram alguns pertences e LPs de Cazuzza para Lucinha, como herança. Eis que ela encontra entre esses pertences a antiga poesia, o texto de *Poema*. Lucinha então entrou em contato com Roberto Frejat para musicar sua letra, 24 anos depois de escrita, e então escolheram a voz de Ney Matogrosso, ex-paixão e melhor amigo de Cazuzza, que lançou em 1999 a música em seu álbum *Olhos de farol*, se tornando a interpretação mais conhecida e escutada de Ney até hoje.

Um dos maiores sucessos da música popular brasileira é uma história biográfica que revela um belo trabalho de luto realizado pelo autor. Certamente nos emociona em uma dimensão profunda, inconsciente, transindividual e por isso vem sendo capaz de atravessar gerações. Com esse “Poema-dom”, Cazuzza responde não apenas à demanda em vida da avó, mas envia uma carta cujo destinatário não se reduzia a ela, ou a outra avó falecida. A quem se endereça *Poema*? A toda gente que vê que perdeu ou está perdendo alguma coisa. Ele eleva o luto à sua dignidade, *invoca um outro com quem cantar*.

Poema condensa em suas duas primeiras estrofes o encontro com o terrível no pesadelo, com a morte, com a ausência do Outro. Vemos a importância, nesses primeiros versos, da rememoração, da história, da recuperação dos sentidos, bem como a presença de certas esperanças e medos, o modelo infantil. Em sua terceira estrofe, podemos observar o início da mudança da posição subjetiva do autor, o encontro com uma coisa que não se esgota que é da dimensão do iniludível, incurável. Na última estrofe, o poeta adolescente nos relata sua travessia pela condição do desamparo, sua aceitação da perda, o reconhecimento da passagem do tempo, da mesmidade, da ingenuidade presente em suas antigas expectativas. Travessia esta que ao mesmo tempo em que abre um espaço potencialmente angustiante, não deixa de portar sua beleza quando iluminada por esses *faróis* que são os traços da memória, do instante da vida, ou do álbum de Ney.

No texto da poesia citada anteriormente escrevemos a versão correspondente ao rascunho original, que pode ser facilmente encontrado na internet, e que guarda algumas pequenas modificações em relação à famosa canção. Chama atenção no rascunho original

¹⁰ <https://globoplay.globo.com/v/6643455/>

do autor que a palavra “sua”, na terceira estrofe, foi introduzida como uma rasura ali “só-depois” (por isso a grafamos entre parênteses). Isso indica que o autor retornou a esse verso após sua escrita, fazendo questão de marcar que essa “coisa” possui poder de lhe permitir a travessia criativa, menos desesperadora, da condição do desamparo concerne ao outro. Um “sua” indeterminado, um outro, todos nós leitores, público que então se “co-move” particularmente nesse verso, diante do valor infinito de afirmação do laço com a vida, transmitido até mesmo na morte.

*era uma coisa (sua) que ficou em mim
que não tem fim*

O autor parece não conseguir deixar de reconhecer na sua rasura que um processo de desilusão, de amadurecimento, de criação, não se faz sozinho, como um logro narcísico, ideal do desamparo, mas partir de um traço indeterminado, de uma marca do outro que nos compõe, que nos faz compor.

Considerações finais

Investigar a direção da cura é uma tarefa inescapável para um analista em formação e, ao mesmo tempo, arriscada. Implica que ele exponha como compreende sua prática, como engendra seus tratamentos, como vislumbra seu desenlace, que coloque à prova eticamente seu envolvimento com a escuta daqueles que lhe endereçam sofrimentos e palavras. Ao expor essa sua investigação, ele se abre à angústia das discussões, ao debate, às reformulações, às faltas que engendram seu percurso e que apenas na presença de alguns outros, que compartilham desse laço chamado Psicanálise, é capaz de reconhecer e poder atravessar. Essa é uma temática de investigação que exige, particularmente, uma sustentação autêntica, na medida em que em nosso ofício não encontramos um manual de orientações, um guia de como proceder, que reduziria a tarefa analítica ao exercício de um poder.

Pensamos que restringir as discussões da formação do analista e o debate sobre a direção da cura ao campo das destituições envolvidas nesse processo pode produzir um efeito opressivo e devastador para a própria transmissão da Psicanálise, gerar inibições, desinteresse, isolamentos, solidão e edificar um pensamento frígido. Contudo, nos parece importante não negligenciarmos essa outra via que buscamos expor neste trabalho. Talvez ela possa restituir um pouco do entusiasmo nessa travessia e nessa transmissão – ao menos, foi esse o efeito produzido em mim. Se da própria etimologia do termo Psicanálise enfatiza-se com tanta frequência a dimensão de quebra, ruptura, inscrita na partícula análise, devemos não esquecer então da outra metade, os problemas da alma, do espírito, do espirituoso.

Referências

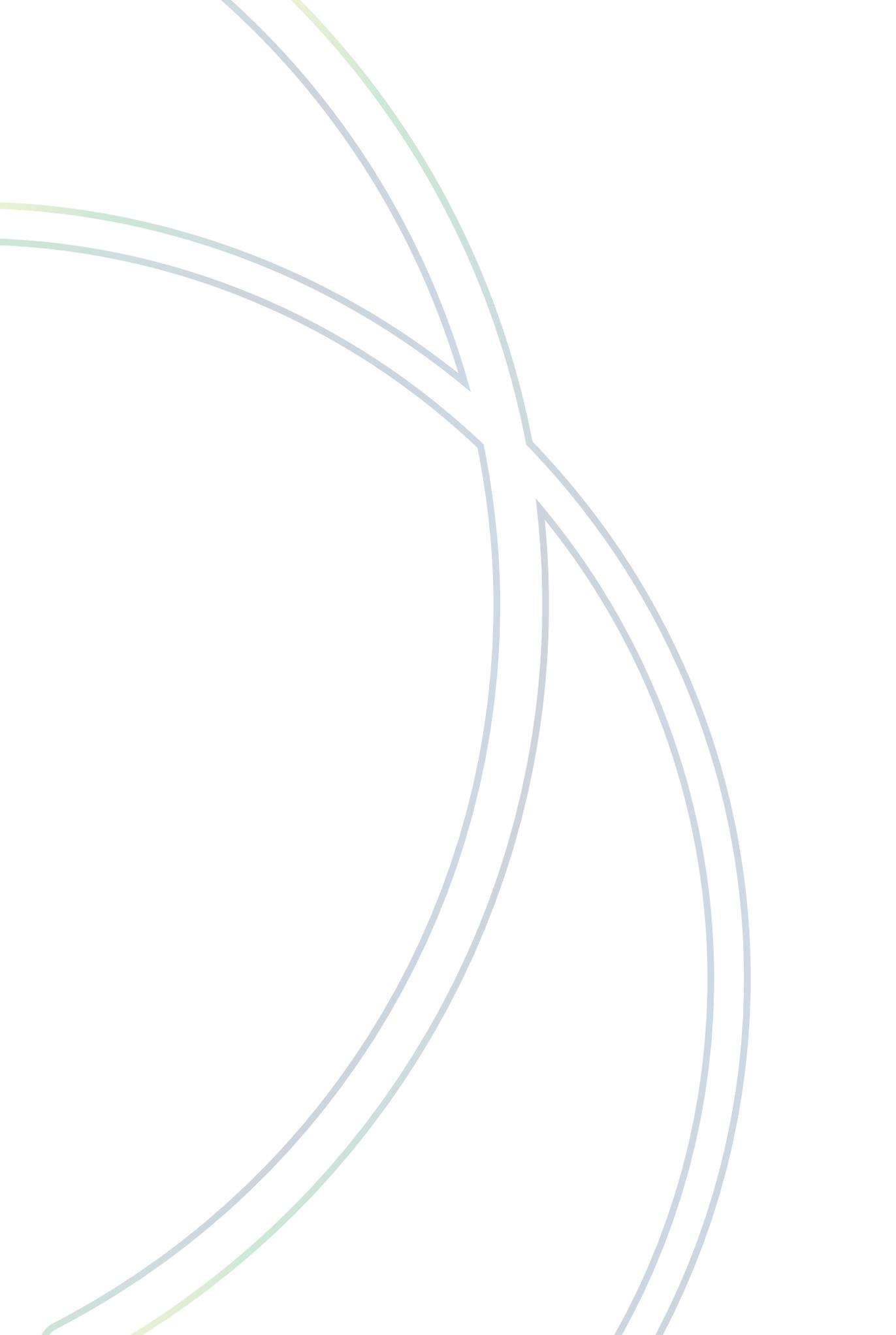
ARAÚJO, Lucinha. *O tempo não para: Viva Cazusa*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2011.

FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconsciente. *In: Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução: José Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, v.7, 1991.

HENDERSON, G. *A condição do desamparo e a vida comum: um horizonte na cura psicanalítica*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VEGH, Isidoro. *El prójimo: enlaces y desenlaces del goce*. Buenos Aires: Paidós, 2001.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonalves Ferreira. Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral. Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia